

POR ENTRE FRONTEIRAS DE UMA PEDAGOGIA QUE PAUTA A EDUCAÇÃO PELAS ARTES GINGANDO SABERES E PRÁTICAS POPULARES

Denise Marcos Bussoletti

Doutora em Psicologia, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Pró-Reitora de Extensão e Cultura (PREC) da Universidade Federal de Pelotas.

Vagner de Souza Vargas

Ator, Licenciado em Teatro (UFPEL), Mestre em Ciências da Saúde (FURG).

Resumo

Algumas propostas educativas vêm refletindo sobre conceitos que deveriam nortear a formação acadêmica, assim como as práticas educativas na sociedade. O objetivo desse texto é expor alguns aspectos das atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Artes, Linguagens e Subjetividades, da Universidade Federal de Pelotas, em compromisso com a Pedagogia da Fronteira e a Estética da Ginga, apresentando a proposta de nossas ações com o Programa de Educação Tutorial Fronteiras: Saberes e Práticas Populares. Acreditamos que, quanto mais adentrarmos no âmbito das práticas discursivas que representam a diversidade, mais estaremos nos capacitando para enfrentar as lacunas existentes em termos dessa produção específica. Portanto, ressaltamos que nossas ações representam abordagens diferenciadas das tradicionalmente empregadas, onde as artes se consolidam como nosso campo de atuação, contato e reflexão para estimular grupos sociais, comumente afastados da percepção de sua atuação na sociedade, a perceberem seus potenciais, valores, importância e capacidade de mudanças de paradigmas sociais.

Palavras-Chave: Educação; Diversidade; Pedagogia da Fronteira; Estética da Ginga

Abstract

Some educational proposals have been reflecting about concepts that should guide the academical training as well as the educational practices in society. The aim of this article is to present some aspects of the activities developed by the Nucleus of Arts, Languages and subjectivities, from Federal University of Pelotas, southern Brazil, in commitment to the Border Pedagogy and Aesthetics of Ginga, presenting our proposal and actions with the Tutorial Education Program Borders: Popular Knowledges and Practices. We believe that the more we enter within the discursive practices that represent diversity, the more we are enabling us to address the gaps in terms of this particular production. Therefore, we emphasize that our actions represent different approaches from those traditionally employed in our local society, where the arts are our work field in order to touch and stimulate reflections in different social groups, usually putted away from the perception of their role in society, to realize their potential, values, importance and ability to change social paradigms.

Keywords: Education; Diversity; Border Pedagogy; Aesthetics of Ginga

Resumen

Algunas propuestas educativas han estado reflexionando sobre los conceptos que deben orientar la formación académica y las prácticas educativas en la sociedad. El objetivo de este trabajo es presentar algunos aspectos de las actividades desarrolladas por el Centro de las Artes, Linguagenes y Subjetividades, de la Universidad Federal de Pelotas, en compromiso con la Pedagogía de Frontera y la Estética de la Ginga, presentando la propuesta de nuestras acciones con el Programa de Educación Tutorial Fronteras: Saberes y Prácticas Populares. Creemos que, cuanto más nos adentramos en el contexto de las prácticas discursivas que representan la diversidad, más estaremos nos desarrollando para el enfrentamiento de las lagunas en términos de esta producción en particular. Por lo tanto, insistimos que nuestras acciones representan diferentes enfoques de las empleadas tradicionalmente, donde se consolidan las artes como nuestro campo de actuación, contacto y reflexión para estimular a los grupos sociales, comumente puestos de fuera de la percepción de su papel en la sociedad, para darse cuenta de su potencial, los valores, la importancia y la capacidad de cambiar los paradigmas sociales.

Palabras clave: Educación, Diversidad; Pedagogía de Frontera; Estética de la Ginga

Introdução

O conceito de fronteira é um elemento fundamental para pensarmos em propostas pedagógicas que abarquem as diferenças como um foco de aprofundamento ao enriquecimento da produção do conhecimento em sua ampla complexidade. Atualmente, algumas propostas educativas estão refletindo sobre conceitos que deveriam nortear a formação acadêmica, assim como as práticas educativas na sociedade como um todo (OLIVEIRA; COSTA, 2007; PANSINI; NENEVÉ, 2008; BUSSOLETTI; VARGAS, 2013).

Nesse sentido, vindo ao encontro do que norteará as acepções que tomamos para fomentar as reflexões expostas nesse texto, sentimos a necessidade de conceber os contextos que perpassam os campos educativos partindo desde uma perspectiva multicultural, na direção daquilo que defendemos como sendo uma outra perspectiva, aqui defendida como entre-cultural. Por multicultural resgatamos o que Hall (2006) define como:

Multicultural é um termo qualitativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade original. Em contrapartida, o termo “multiculturalismo” é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. É usualmente utilizado no singular, significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta as estratégias multiculturais (HALL, 2006, p.50).

Propomos, assim, uma ampliação crítica à perspectiva da multiculturalidade, particularmente, quando aplicada ao campo da educação. Para tanto, nos utilizaremos das reflexões realizadas através das atividades que desenvolvemos em Pelotas/RS, nos últimos anos, através do Núcleo de Arte, Linguagens e Subjetividade (NALS), ressaltando a proposta do Programa Fronteiras da Diversidade¹. Inicialmente, salientamos alguns termos e conceitos que serão necessários à condução da nossa linha reflexiva. O objetivo desse texto é expor alguns aspectos das atividades desenvolvidas pelo NALS, em compromisso com a Pedagogia da Fronteira e a Estética da Ginga, apresentando a proposta de nossas ações com o Programa de Educação Tutorial “Fronteiras: Saberes e Práticas Populares” (PET Fronteiras).

Apresentando o NALS e suas propostas

O Programa Fronteiras da Diversidade (PFD), ligado ao NALS, na Faculdade de Educação (FAE), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), desenvolveu muitas atividades ao longo do ano de 2012. Dentre as várias abordagens que o Programa Fronteiras da Diversidade e o NALS desenvolveram, estavam um conjunto de ações direcionadas à formação de agentes culturais e a articulação entre os setores representativos das diversidades em nosso município. Ao longo de todo o ano de 2012, o PFD realizou periodicamente uma série de fóruns e debates entre a comunidade sobre questões relacionadas ao gênero, sexo, sexualidade, etnia, inclusão social, diversidade religiosa, direitos humanos e etc... (PINHEIRO, 2011; ALVES, 2012; KRUGER, 2012; VARGAS; BUSSOLETTI, 2012; BUSSOLETTI; VARGAS, 2012; BUSSOLETTI, 2013).

Acreditamos que a possibilidade necessária de mudança de paradigmas, na direção de propostas educativas inovadoras, passa pela recuperação da dimensão ética do fazer educativo aliado a outra estética da existência humana como princípios. Tal direção questiona e confronta assim as relações sócio-políticas e econômicas de silenciamento e se rebela contra os aviltamentos resultantes dessas relações que conduzem aquilo que Boaventura dos Santos (2001) nomina como sendo “epistemicídio”:

Para além do sofrimento e da devastação indizíveis que produziu nos povos, nos grupos e nas práticas sociais que fora por ele (*epistemicídio*) alvejados, significou um empobrecimento irreversível do horizonte e das possibilidades de conhecimento. Se hoje se instala um sentimento de bloqueamento pela ausência de alternativas globais ao modo como a sociedade está organizada, é porque durante séculos, sobretudo depois que a modernidade se reduziu à modernidade capitalista, se procedeu à liquidação sistemática das alternativas, quando elas, tanto no plano epistemológico, como no plano prático, não se compatibilizaram com as práticas hegemônicas (SANTOS, 2001, p. 329).

Compreendemos que, para que aconteça uma ruptura com os modelos de produção dos silenciamentos impostos, é necessário focar a procura das vozes e conceitos silenciados, mergulhando na identificação de suas diferenças e nas problemáticas de suas adversidades, com o intuito de que as possíveis distâncias não afastem ainda mais as alteridades. Assim, nós estaríamos minimizando as dificuldades em estabelecer propostas pedagógicas eficientes, capazes de gerar identificação e significação nos mais diferentes grupos sociais.

Acreditamos que, seguindo essa perspectiva estaremos sendo fieis ao princípio do dialogismo bakhtiniano, contribuindo para a constituição de um espaço e um tempo onde todas as vozes interessam. Todas as vozes podem e devem ser ouvidas e que dialogar não significa substituir ou justapor locutores, mas interagir sem a imposição dogmática de uma única voz, nem o relativismo de uma coexistência acrítica de todas as vozes, mas sim pela síntese dialética das vozes contrárias.

PET Fronteiras: primeiros passos

O Programa de Educação Tutorial (PET) “Fronteiras: Saberes e Práticas Populares” é orientado pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, tendo como objetivo tematizar os saberes e práticas populares, focalizando a produção de conhecimentos verificados através das manifestações culturais que se desenvolvem nas comunidades populares urbanas da cidade de Pelotas/RS, visando à interlocução com o que é produzido pela universidade. Esse programa se sustenta por uma proposta de educação voltada à diversidade social e ao respeito aos direitos humanos como princípios nos marcos que os estudos culturais conferem como sendo o de uma Pedagogia da Fronteira (BUSSOLETTI; VARGAS, 2013).

Nessa perspectiva, pretendemos atuar na construção de um processo de formação envolvido com possibilidades de pensar e fazer o ensino, pesquisa e extensão de forma crítica e participativa com elevado padrão de qualidade e de excelência, promovendo o sucesso acadêmico e a conclusão dos cursos aos quais se vinculam os estudantes oriundos das comunidades populares em condição de vulnerabilidade social e econômica. O conjunto das ações se desenvolve através de três projetos: um projeto de ensino intitulado “Aula Extra”, um projeto de pesquisa que investigará as comunidades populares, seus saberes e práticas e um projeto de extensão denominado “Parceria”.

Para desenvolvermos nossas atividades, compreendemos que somente os princípios pedagógicos de uma educação voltada à diversidade podem oferecer condições de implementação de práticas emancipatórias efetivas no cenário social e educativo brasileiro (BUSSOLETTI; VARGAS, 2013). Mas de qual conceito de diversidade se está falando?

Para abarcar o âmago desta questão, é de fundamental importância resgatar a distinção que Homi Bhabha (1988, p. 63) faz entre diferença e diversidade. Para o autor, a diversidade cultural é um objeto epistemológico, onde a cultura é apreendida como um objeto do conhecimento empírico, já a diferença se configura como sendo um processo de enunciação da cultura

“como ‘conhecível’, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural”, é um processo de significação. Nesse processo de significação, a cultura se afirma como um campo de forças onde os diferentes grupos afirmam e reconhecem sua própria identidade, nunca homogênea, nem muito menos como representações de separação de culturas totalizadas ou “protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única”.

Por entre as discussões e os embates acerca da diversidade e da diferença, as políticas públicas brasileiras se inscrevem em um cenário que é impulsionado pelo marco expressivo estabelecido pela Constituição Federal de 1988, inicialmente citada, que entre seus fundamentos postula a dignidade humana e os direitos ampliados da cidadania consagrando o debate que ocorre, principalmente, desde os anos 1980 no Brasil sobre o respeito à diversidade cultural no sentido de formação para a cidadania. Desde então, vários mecanismos surgiram no cenário nacional e internacional na perspectiva da promoção e da defesa dos direitos humanos.

No entanto, apesar dos avanços no campo normativo, a realidade social brasileira denota as mais diferentes e acentuadas expressões de desigualdades. O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), uma das importantes ações na concretização dos direitos humanos, já na sua introdução destaca a amplitude das desigualdades na sociedade brasileira e o desafio imposto:

Ainda há muito para ser conquistado em termos de respeito à dignidade da pessoa humana, sem distinção de raça, nacionalidade, etnia, gênero, classe social, região, cultura, religião, orientação sexual, identidade de gênero, geração e deficiência. Da mesma forma, há muito a ser feito para efetivar o direito à qualidade de vida, à saúde, à educação, à moradia, ao lazer, ao meio ambiente saudável, ao saneamento básico, à segurança pública, ao trabalho e às diversidades cultural e religiosa, entre outras (BRASIL, 2007, p. 23).

No contexto da proposição de políticas afirmativas e de inclusão social, as políticas públicas brasileiras vêm pautando também o discurso da diversidade através dos eixos da organização social e de políticas necessárias a sua viabilização, chegando a afirmar através de documentos oficiais que:

Os importantes avanços produzidos pela democratização da sociedade, em muito avançada pelos movimentos de direitos humanos, apontam a emergência da construção de espaços sociais menos excludentes e de alternativas para o convívio na diversidade. A capacidade que uma cultura tem de lidar com as heterogeneidades que a compõe tornou-se uma espécie de critério de avaliação de seu estágio evolutivo, especialmente em tempos de fundamentalismos e intolerâncias de todas as ordens como este em que vivemos (BRASIL, 2005, p. 07).

Ressalta-se que objetivo geral do PET Fronteiras é tematizar os saberes e as práticas populares, focalizando a produção de conhecimentos verificados através das manifestações culturais que se desenvolvem nas comunidades populares urbanas, articulando com os conhecimentos produzidos na universidade. Tal objetivo alia-se à compreensão de que os sujeitos social e economicamente excluídos são porta-vozes de sua cultura e o enfrentamento da representação da universidade apartada do mundo do trabalho e do cotidiano da vida das comunidades populares, pode significar reencontrar a centralidade ética da *práxis* educativa pela proposta defendida.

O PET Fronteiras centraliza na metáfora da fronteira a sua compreensão de formação e de construção de conhecimentos e de cultura. Assim, concordamos com Boaventura dos Santos, quando sugere que a metáfora da fronteira pode nos auxiliar a compreender na contempo-

raneidade um novo modelo emergente, crítico e emancipatório (SANTOS, 2005). Nos parece importante afirmar que pensar fronteiras no âmbito da educação e da cultura significa nos remeter a um espaço de exercício e de apreensão do desassossego, relacionado com a criação e a possibilidade de encontro com as rupturas necessárias à emergência de novos paradigmas para os desafios que se apresentam à educação neste começo de séc. XXI. Além disso, parece-nos, pois, de renovada importância reafirmar também que localizamos os pressupostos pedagógicos do PET Fronteiras através daquilo que os estudos culturais definem como uma “pedagogia da fronteira” (GIROUX, 1992), ou ainda no que McLaren (2000) denominou como sendo uma “identidade de fronteira”, criadas a partir da empatia [...] como forma de uma conexão passional através da diferença” na luta “contra a nossa falha em ver nosso próprio reflexo nos olhos dos outros [...]”(MCLAREN, 2000: p.194-195).

Educar na diversidade, respeitando a identidade de cada um, aceitando as diferenças na perspectiva da igualdade entre os mesmos, é quase um “lugar comum” em se tratando das práticas discursivas atuais em educação. No entanto, o PET Fronteiras, ao tematizar os saberes e as práticas das comunidades populares, pretende capacitar a universidade em sua missão tanto para enfrentar as lacunas importantes que existem em termos dessa produção específica no contexto da UFPEL, como para apreender os processos educativos nos marcos das fronteiras e das mobilizações que se verificam em torno da igualdade na diferença e da diferença na igualdade em sua multiplicidade de sentidos.

Partindo dessa compreensão, somos levados a crer que urge consolidar o que pode ser compreendido como “pedagogia da fronteira”. Uma pedagogia que paute o seu compromisso pelo restabelecimento crítico da formação pedagógica, mantendo o espaço para as perguntas mais do que para as respostas conceituais e acabadas, suportando a experiência radical da diversidade e da diferença, aproximando e tornando presentes as linhas que por vezes separam e tornam, desafortunadamente, as fronteiras intransponíveis (BUSSOLETTI; VARGAS, 2013).

Por meio do que nós apresentamos até aqui é que compreendemos a possibilidade de tratamento e apreensão de um modelo de subjetividade que resiste na condição espaço-temporal de fronteira. A compreensão desse processo que contribui e acaba por revelar estéticas emergentes oriundas da mestiçagem e dos cenários em que a interculturalidade conduz, configurando aquilo que defendemos também como sendo uma “Estética da Ginga” (BUSSOLETTI; VARGAS, 2013).

A Estética da Ginga, defendida em nossos trabalhos, tem suas bases no que foi referido por Paola Jacques (2003), sobre o trabalho dos *Parangolés* de Hélio Oiticica (1939-1980) e a sua proposta de “anti-arte”. Refletindo sobre as possibilidades de mudanças e ações ativas sobre determinadas produções artísticas, conferindo ao espectador não mais o papel de agente passivo ante aos fatos que estão sendo criados, expostos ou apresentados, Oiticica propõe que o espectador influí, interage, modifica, constrói, participa, agrega e também faz parte do processo de criação da obra de arte.

Mesmo falando sobre o fazer artístico, Hélio Oiticica nos fornece um princípio que pode ser expandido para quaisquer áreas do conhecimento, uma vez que sua proposta conceitual retira os indivíduos da passividade e ostracismo em face dos acontecimentos a sua volta e salienta que todos podemos interagir ativamente na construção da realidade que nos cerca, assim como do que nossa sociedade produz. Oiticica nos permite refletir e conceber que todos cidadãos podem ser capazes de produzir trabalhos que sejam importantes e toquem de certa maneira a sociedade. Nesse momento, podemos trazer esses princípios a nossas ações, com o intuito de propormos atividades que levem essas reflexões a comunidades que costumam estar apartadas

da percepção dos seus direitos e possibilidades de contribuição e mudanças na sociedade.

Além disso, a Estética da Ginga também nos propõe um conceito ético e estético onde a diversão e os sentimentos de prazer e felicidade surgem a partir das trocas, intercâmbios, trânsitos e interações entre os diversos tipos de informações, características, matizes e possíveis fronteiras que existam entre os diferentes grupos sociais, se manifestando e desenvolvendo como na cadência de um samba. A metáfora de ginga e samba são aqui utilizadas para ilustrarem e/ou indicarem um tipo de movimento que transita, que vai e volta, não se fixando, não ocorrendo de maneira unidirecional, mas ressaltando que as comunicações, trocas de informações, conhecimentos e saberes se dão de maneira constante, em fluxo e ativamente em uma sociedade que esteja aberta para essa possibilidade. Outra característica utilizada para empregar o conceito de Estética da Ginga, surge do fato dessas manifestações populares serem oriundas de uma mestiçagem, de características de um povo que agrega em si a diversidade de características da sociedade, fazendo com que suas peculiaridades do somatório de cruzamentos e intercâmbios de características se manifestem como um aspecto positivo de sua diversidade e, justamente essa diversidade polissêmica confere a positividade e felicidade, desde que essa sociedade consiga perceber a qualidade e a importância da sua diversidade.

Nesse sentido, o NALS vem trabalhando ao longo desse tempo para, dentre outras abordagens, propor atividades que levem essas reflexões à comunidade local. Durante o ano de 2012, o PFD, por meio de suas atividades, propôs o diálogo com os diversos setores sociais para que diversas problemáticas fossem expostas e para que diferentes grupos sociais pudessem debater, conhecer e expor as peculiaridades que os constituem, resultando no 1º Festival de Verão da Diversidade e na instalação do Fórum Universidade da Diversidade, em fevereiro de 2013 (ALVES, 2012; KRUGER, 2012; VARGAS; BUSSOLETTI, 2012; BUSSOLETTI; VARGAS, 2012; BUSSOLETTI, 2013).

Já, em 2013, o PET Fronteiras surge com suas ações também pautadas pela Pedagogia de Fronteira, buscando ações pedagógicas de maneira crítica, tanto no seu fazer, nas suas ações, re- vendo e propondo alternativas para outras abordagens que possam suscitar questionamentos e reflexões nas comunidades atendidas pelo programa. Além disso, o PET Fronteiras também está desenvolvendo ações em uma comunidade de pescadores, na cidade de Pelotas. Nessa localida- de afastada da zona urbana, pretende levar as artes como nosso território de fala e ações com o intuito de estimular essa população a refletir sobre a importância do seu papel na sociedade, do valor de suas tradições e do quanto o seu trabalho e cultura são importantes para o desenvolvi- mento da sociedade como um todo.

Considerações finais

O ano de 2013 marca o início das atividades do NALS com o PET fronteiras, levando os princípios indissociáveis entre ensino, pesquisa e extensão da UFPEL para as ações que serão realizadas na comunidade local durante esse período. Salientamos que todas as nossas ações agregam em si princípios do que assumimos como Pedagogia de Fronteira e Estética da Ginga com o intuito de propor ações alternativas que possam tocar os diferentes grupos sociais de maneira diferenciada, estimulando-os a refletir sobre suas potencialidades e possibilidades de mudanças de paradigmas.

Porém, longe ainda estamos de podermos concluir alguma coisa sobre esse nosso tra- balho. Entretanto, essa é a nossa primeira tentativa para sistematizar nossas inquietações sobre os desafios que ainda estamos por enfrentar ao longo do trabalho inicial desse programa. Acre- ditamos que quanto mais adentrarmos no âmbito das práticas discursivas que representam a

diversidade, mais estaremos nos capacitando para enfrentar as lacunas que existem em termos dessa produção específica.

Além disso, também temos a convicção de que, em nossas atividades, as práticas discursivas que representam a diversidade, podem contribuir para apreender os processos educativos nos marcos das fronteiras e das mobilizações que se verificam em torno da diversidade e sua multiplicidade de sentidos. Portanto, ressaltamos que nossas ações representam abordagens diferenciadas das tradicionalmente empregadas, onde as artes se consolidam como nosso campo de atuação, contato e reflexão para estimular grupos sociais, comumente afastados da percepção de sua atuação na sociedade, a perceberem seus potenciais, valores, importância e capacidade de mudanças de paradigmas sociais.

Transitamos por esses entre-lugares como que na cadência de um samba ou no movimento de uma ginga, desassossegando os lugares de fixação que o comodismo social impõe ao estigmatizar certos grupos sociais. Ao identificarmos as fronteiras demarcadas pelas normatizações sociais excludentes, então, nos jogamos no mergulho da identificação de suas características, identidades e alteridades. Esse é o nosso processo de aproximação e embate frente às normas de exclusão. Nossa fala se dá por meio das artes, nossos resultados por meio de reflexões, desassossegos e conscientização social.



Referências

ALVES, Joice do Prado; MELLO, Lawrence Estivalet; BUSSOLETTI, Denise Marcos. Diversidade Sexual: Diálogos e Práticas na Universidade. *Expressa Extensão*. Edição Especial, Dezembro de 2012; 25-42, 2012.

BHABHA, H. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Documento subsidiário à política de inclusão*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

BRASIL. *Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos/Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner. *Leituras em Dramaturgia Teatral para a Diversidade*. Pelotas/RS: Editora e Gráfica Universitária UFPEL, 2012.

POR ENTRE FRONTEIRAS DE UMA PEDAGOGIA QUE PAUTA A
EDUCAÇÃO PELAS ARTES GINGANDO SABERES E PRÁTICAS
POPULARES

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner de Souza. Art and aesthetics of ginga: Boundary for the future in the in-between places of diversity. *Global Journal of Human Social Science. Arts & Humanities*. v. 13, issue 04, pp. 01-09, 2013.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner; BAIROS, Mariângela. *Leituras em Dramaturgia Teatral para a Diversidade. Volume II*. Pelotas/RS. Editora e Gráfica Universitária UFPEL, 2013.

GIROUX, Henry. *Border crossing*. Nova York e Londres, Routledge, 1992.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

JACQUES, Paola *Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KRUGER, Luana; BUSSOLETTI, Denise Marcos; SCHNEIDER, Daniela; PINHEIRO, Cristiano. Jogo de Máscaras: as máscaras cotidianas e a educação. *Expressa Extensão*. n. 2, p. 25-42, 2012.

McLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1999/2000.

OLIVEIRA, Eloiza da S.G.; COSTA, Marly de A. A formação de professoras para a educação especial: multiculturalismo crítico e teoria das representações sociais. *Educação*, v.32, n.1, 2007.

PANSINI, Flavia; NENEVÉ, Miguel. Educação multicultural e formação docente. *Currículo Sem Fronteiras*, v.8, n.1, p.31-48, 2008.

PINHEIRO, C. G.; BUSSOLETTI, D. M.; COSTA, C. Programa Fronteiras da Diversidade: universidade, comunidade na construção de práticas sociais e culturais para a diversidade. *Expressa Extensão (UFPEL)*, v. 2, p. 79-102, 2011.

SANTOS, Boaventura dos. *Para um Novo Senso Comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Cortez, 2005.

VARGAS, Vagner; BUSSOLETTI, Denise Marcos. Teatro Sem Fronteiras. *Expressa Extensão*. Edição Especial, Dezembro de 2012, p. 43-57, 2012.

Notas

¹ O programa “Fronteiras da Diversidade” foi classificado e contemplado pelo Edital nº 4 do Programa de Extensão Universitária, PROEXT 2011 – Ministério da Educação e Cultura da Secretaria de Ensino Superior do Governo Federal do Brasil. Exerce suas atribuições desde o ano de 2011, na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).